



Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC
Vol. 2 nº 1 (2), janeiro-julho 2004, p. 52-74
www.emtese.ufsc.br

A importância das formas associativas de organização e do desenvolvimento local integrado sustentável no resgate da cidadania: a Cooperativa 100 Dimensão

Guilherme Felipe da Silva¹

"(...) you're not actually mammals. Every mammal on this planet instinctively develops a natural equilibrium with the surrounding environment, but you humans do not. You move to an area, and you multiply, and multiply, until every natural resource is consumed. The only way you can survive is to spread to another area. There is another organism on this planet that follows the same pattern. Do you know what is it? A virus. Human beings are a disease, a cancer of this planet, you are a plague (...)"

(MATRIX)

1. Introdução

Ao longo dos séculos, os sistemas sociais e econômicos caracterizaram-se por forte concentração de renda e desigualdades sociais na maior parte das regiões do planeta, mesmo em países considerados potências econômicas. Recentemente, o colapso das nações que adotaram o marxismo como ideologia e o comunismo como sistema social, aliado ao não cumprimento, por parte do capitalismo, das promessas de crescimento, pleno emprego, estabilidade financeira e salários reais em ascensão, obrigam a uma busca por alternativas de inclusão socioeconômica. A alternativa que mais impacto vem causando em várias partes do mundo, é o investimento em iniciativas que, dentro do sistema capitalista, estimulem e dêem credibilidade a formas de organização econômica e de sociabilidade não capitalistas.

Nesse sentido, as experiências baseadas no associativismo vêm sendo praticadas por adeptos de todas as correntes ideológicas. Cooperativas e associações profissionais e/ou comunitárias vêm surgindo em diversos países, tanto por meio de projetos de desenvolvimento local patrocinados pelos governos, por organizações não governamentais,

quanto por iniciativa da própria comunidade. Essas cooperativas e associações carecem de apoio financeiro de órgãos governamentais ou organizações não governamentais, em relação a que já existem diversas linhas de crédito e sem o qual sua implantação torna-se inviável.

Embora todas elas busquem a auto-sustentação, parcela ponderável dessas iniciativas não tem alcançado o sucesso financeiro almejado por seus membros, idealizadores e financiadores/patrocinadores. O presente trabalho demonstra que os resultados intangíveis dos empreendimentos associativos comunitários atestam o acerto desse caminho e a necessidade de serem multiplicados os investimentos nessa área.

A fundamentação teórica se dá por meio da leitura de textos que debatem a crise do sistema capitalista (especialmente *Sociedade pós-capitalista*, de Peter Drucker e *O futuro do capitalismo*, de Lester Thurow) e a busca de alternativas não capitalistas de inclusão (em particular *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*, organizado por Boaventura de Sousa Santos, e *Redução da pobreza e dinâmicas locais*, organizado por Ilka Camarotti e Peter Sink).

Como estudo de caso, foi estudada a Cooperativa 100 Dimensão e realizaram-se entrevistas com seus membros, organização localizada na cidade de Riacho Fundo II, Distrito Federal, associação destinada à coleta, seleção e venda de resíduos extraídos do lixo urbano. Essas entrevistas, de caráter bastante informal, consistiram em perguntas sobre como o cooperado vivia, como via e se relacionava com a família, vizinhos e amigos e que futuro vislumbrava antes e depois de associar-se. O caráter informal das entrevistas teve como objetivos romper a inibição inicial provocada pela presença do gravador e do microfone, bem como obter maior diversidade de impressões dos entrevistados.

Constatou-se que, para serem viáveis, os empreendimentos associativos comunitários dependem de ajuda financeira e estratégica externas, daí a importância da participação conjunta com entidades de fomento na formação e qualificação profissional e no apoio financeiro. A renda das famílias dos cooperados não obteve aumento substancial. Muitos eram desempregados, encontrando ali um meio de subsistência. Muitas eram donas de casa que encontraram uma complementação da renda familiar. Em média, cada cooperado retira entre 1,5 e dois salários mínimos por mês, dependendo de sua tarefa, renda considerada baixa em alguns textos estudados.

¹ Bacharel em Administração (UNB). E-mail: guilhermefelipe@terra.com.br

No entanto, observa-se em quase todas as entrevistas uma ênfase na primeira pessoa do plural, demonstrando uma sólida consciência coletiva, fora dos padrões inspirados no individualismo capitalista. Os discursos dos entrevistados destacam sempre o resgate da esperança, auto-estima, desenvolvimento da harmonia familiar e comunitária que não havia antes daquela atividade. Quase todos os entrevistados afirmam terem-se tornado melhores e mais tolerantes em relação a si mesmos, suas famílias e vizinhos.

Percebe-se o resgate da cidadania e da solidariedade, fruto tanto da convivência quanto de reuniões periódicas, nas quais todos têm vez e voz, cursos e palestras de que são estimulados a participar. Finalmente, os entrevistados afirmam ter melhorado a qualidade de vida sua e de sua família por meio da renda e das atividades praticadas na Cooperativa, e o anseio de trabalhar em harmonia com a natureza e de forma a disseminar a consciência ecológica na comunidade em que vivem.

2. Crise do Capitalismo e queda do Comunismo

No início do século XX, Frederick Winslow Taylor, o pai da Administração Científica, afirmou que sempre haverá pobreza, miséria e infelicidade e que nenhum sistema de administração, nenhum expediente sob controle de um homem ou grupo de homens pode assegurar prosperidade permanente a trabalhadores ou patrões (TAYLOR, 1986: 45). Passado menos de um século, os sistemas econômicos hegemônicos no mundo, e que prometiam prosperidade e bem-estar social, confirmam esse prognóstico.

Na década de 1980, Capra identificava um estado de profunda crise mundial, de dimensões intelectuais, morais e espirituais, cujos sinais já se registravam nas últimas duas décadas precedentes, em que a humanidade pela primeira vez se defronta com a real ameaça de extinção de toda a vida no planeta (CAPRA, 1993: 19). Com base em diversos estudos de cientistas renomados, explica ele que depois de atingirem o apogeu de vitalidade, as civilizações tendem a perder seu vigor cultural e declinam (idem: 26). Nesse mesmo sentido, Drucker afirma que a cada dois ou três séculos ocorre uma grande transformação na história ocidental (DRUCKER, 1999: XI). Com efeito, o momento histórico por que passamos reflete um conjunto de questionamentos de toda a estrutura cultural, econômica e social, demandando o estabelecimento de novas formas de convivência, ainda não completamente definidas ou estabelecidas.

Para Santos, o nosso tempo é um tempo paradoxal. O paradoxo está em que, se por um lado hoje parecem, mais do que nunca, reunidas as condições técnicas para cumprir as promessas da modernidade ocidental, como a promessa da liberdade, da igualdade, da solidariedade e da paz, por outro lado, é cada vez mais evidente que tais promessas nunca estiveram tão longe de ser cumpridas como hoje (SANTOS, 2002: 13).

A segunda metade do século XX assistiu à decadência dos dois sistemas econômicos predominantes no mundo; o colapso do comunismo e a conseqüente entrada de quase dois bilhões de pessoas no mercado mundial, e a obsolescência do capitalismo que, se já não cumpria suas promessas de pleno emprego, justiça social, estabilidade financeira, salários reais em ascensão, menos ainda quando os avanços tecnológicos permitem um aumento de produtividade tal que teóricos de várias correntes apontam como uma de suas conseqüências a redução de índices de emprego.

No terceiro mundo, as promessas dos grandes líderes comunistas, tais como **Nehru [!]** na Índia, Mao na China, Fidel Castro em Cuba, dentre outros, de que seria criada uma nova ordem, não foi cumprida (DRUCKER, 1999: XXIII). Onde foi implantado, o comunismo criou uma casta de funcionários privilegiados economicamente, o que estimulou corrupção, ganância e cobiça pelo poder; inveja e desconfiança mútua; tirania mesquinha e sigilo; mentiras, roubos, denúncias e, acima de tudo, cinismo. (idem: XXI). Dentre outros motivos porque, quando estão no poder, os partidos políticos da esquerda adotam exatamente as mesmas políticas dos partidos da direita (THUROW, 1997: 18).

Se os países que implantaram o comunismo estão adotando, gradativamente, o modo de produção capitalista e abrindo seu mercado, isso não configura o sucesso do capitalismo. Ao contrário, estabelece mais um desafio aos países onde o capitalismo já está implantado, pois incorpora ao mercado, além de um contingente enorme de novos consumidores, novas opções para as empresas transnacionais terem sua mobilidade ampliada. Com isso, mais mão-de-obra barata e de alta qualidade concorre com os profissionais dos países do primeiro mundo, que vê o empobrecimento de sua classe média e a pauperização crescente de sua classe baixa.

Dentre essas mudanças, duas são mais relevantes para o presente estudo: a globalização e o aumento da produtividade.

3. Globalização

Após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos da América transformaram o comunismo numa ameaça, o que lançou o mundo capitalista numa direção global (THUROW, 1997: 156). Thurow define essa economia global como aquela em que fatores de produção – recursos naturais, capital, tecnologia e mão-de-obra – bens e serviços movimentam-se ao redor do mundo (idem: 217).

Os custos de transporte e as novas formas de comunicação permitem às empresas produzir qualquer componente em qualquer parte do planeta para ser montado ou comercializado de forma econômica em outra parte, minimizando custos e maximizando receitas. A engenharia reversa² e as atividades das empresas multinacionais levam as tecnologias a se movimentarem muito rápido ao redor do mundo. Todos os países têm igual acesso aos capitais nos mercados de Nova York, Londres ou Tóquio. Grandes ou pequenos, todos têm acesso ao dinheiro e à informação, e nos mesmos termos. A movimentação da mão-de-obra em busca de melhores salários e das empresas em busca de mão-de-obra mais barata faz com que os salários subam nos países com baixos salários e caiam nos países com salários altos. Com tudo isso, em vez das políticas nacionais guiarem as forças econômicas, uma economia global leva a um mundo em que as forças geoeconômicas extranacionais ditam as políticas econômicas nacionais.

4. Produtividade

Para se posicionar nesse contexto, as empresas precisam ser competitivas, representando com isso apresentar um alto grau de produtividade. Produtividade equivale a produzir mais com menos recursos, inclusive, menos mão-de-obra. Para alcançarem elevados índices de produtividade, revêem processos e reduzem os quadros, ou seja, enquanto a população do mundo cresce as empresas conseguem atender às demandas de produtos com menos recursos materiais e humanos, produzindo aquilo que Marx reconheceria como um *lumpem proletariat*, conhecido como os sem-teto (THUROW, 1997: 49) ou os “marginalizados”. Nesse sentido, observa-se que no país com base agrícola mais forte do mundo, os EEUU, o número de agricultores é constituído por apenas 3% da população, contra 25% no fim da Segunda Guerra Mundial. Em 1980, a maior siderúrgica daquele país empregava 120 mil pessoas na

produção de aço. Dez anos depois, empregava 20 mil e produzia quase a mesma tonelagem (DRUCKER, 1999: 58).

Como se vê, o processo de globalização afetou desfavoravelmente o nível de emprego em todo o mundo, levado pela reestruturação da indústria. Essa reestruturação, num primeiro momento, se deu pelo fechamento de unidades industriais "não lucrativas". Mas o *downsizing*, usado para salvar empresas em dificuldades tem uma "segunda onda", identificada por Thurow, destinada a aumentar a produtividade de empresas com lucros altos e crescentes. A terceirização que segue o *downsizing* nessas mesmas empresas, em busca de ganhos intangíveis, reduz também os salários reais (THUROW, 1997: 45-6). Paralelamente, apareceram entre os economistas do capital o conceito de "desocupação estrutural", como reconhecimento empírico de que as mudanças nas relações capital-trabalho já não eram conjunturais e transitórias (QUIJANO apud SANTOS, 2002: 484).

As organizações internacionais promotoras do processo de globalização reconhecem que ela está alicerçada em condições políticas, sociais e econômicas que tendem a acentuar a desigualdade em todas as escalas geográficas e se reproduzem nessas mesmas condições. Em nenhum lugar o Estado conseguiu realizar uma redistribuição significativa da renda que arrecada por meio de impostos e os países menos igualitários são aqueles que mais se esforçaram para redistribuir a renda: a União Soviética; os Estados Unidos; a Grã-Bretanha (DRUCKER, 1999: 119-22). A economia e a sociedade das grandes cidades contemporâneas são caracterizadas por um evidente dualismo manifestado pela diferença crescente entre os rendimentos e as condições de vida de um pequeno número de trabalhadores qualificados contratados por empresas do setor moderno da economia, e os de um setor, majoritário e em expansão, de pessoas qualificadas e não qualificadas que têm empregos precários (temporários ou com baixos salários), estão desempregadas ou trabalham informalmente (RODRÍGUEZ apud SANTOS, 2002: 331-2).

O setor central da chamada "economia informal", estendeu-se simultaneamente a todo o mundo e essas tendências do capitalismo da "globalização" continuam a crescer (QUIJANO apud SANTOS, 2002: 485). Segundo Escobar, os trabalhadores passaram a ser redundantes na acumulação global de capital: redundantes como produtores, na medida em que

2 A Engenharia Reversa consiste basicamente em copiar um determinado modelo a partir da leitura de um ou mais arquivos digitalizados e converter estes arquivos em superfícies tridimensionais, ou seja, criar um modelo tridimensional partindo de um objeto já existente (UniCAM, 2002)

desempenham atividades de baixa produtividade e reduzido valor agregado; redundantes como consumidores, na medida em que o seu poder aquisitivo é tão sumamente reduzido que a sua participação na sociedade de consumo consiste fundamentalmente em sair à rua para "ver vitrines" (RODRÍGUEZ apud SANTOS, 2002: 332). Assim, recorrem a "estratégias de sobrevivência" usando a lógica e mecanismos próprios do capitalismo mesmo continuando a reivindicar emprego assalariado (QUIJANO apud SANTOS, 2002: 485).

Paradoxalmente, será a vez das grandes empresas capitalistas se preocuparem com a geração de novos consumidores entre os excluídos. Se as esquerdas vêm lutando por justiça social, sem o sucesso esperado, hoje, por questões de segurança ou de sobrevivência, o capitalismo deverá estimular meios de geração de trabalho e renda. Por questão de segurança a fim de combater o estado de beligerância civil que se vem agravando em todos os países do mundo. Como forma de sobrevivência a fim de minimizar a redução do mercado consumidor provocado pela excelente performance que a maioria das empresas vem experimentando e que, como já foi citado anteriormente, vem aumentando os níveis de desemprego mesmo nas economias mais desenvolvidas.

5. Alternativas

As experiências estudadas demonstram que, mesmo sendo hegemônico, o capitalismo não impede o desenvolvimento de outros modos de produção (SINGER apud SANTOS, 2002: 86), na medida em que se exercitem em práticas sociais que os conduzam à reapropriação do controle do seu trabalho, dos seus recursos e dos seus produtos, bem como de outras instâncias da sua existência social, os trabalhadores poderão defender-se melhor do capital e, inclusive, poderão aproveitar as regras capitalistas do mercado (QUIJANO apud SANTOS, 2002: 486). Na verdade, quer como compradores, quer como produtores ou vendedores, os membros das classes populares alimentam uma economia urbana de baixo custo que lhes permite acesso a bens e serviços indispensáveis (RODRÍGUEZ apud SANTOS, 2002: 334).

Se a idéia de que não há alternativa ao capitalismo conseguiu um nível de aceitação que provavelmente não tem precedentes na história do capitalismo mundial e a alternativa sistêmica ao capitalismo representada pelas economias socialistas centralizadas não é viável nem desejável, Rodriguez propõe centrar a atenção simultaneamente na viabilidade e no potencial emancipatório das múltiplas alternativas que têm sido formuladas e praticadas um pouco por todo o mundo e que representam formas de organização econômica baseadas na

igualdade, na solidariedade e na proteção do meio ambiente (RODRÍGUEZ apud SANTOS, 2002: 24-5).

Essas formas de organização alternativas não se opõem ao capitalismo. Ao contrário, trata-se de organizações fundadas na solidariedade entre iguais, sejam eles produtores, empresários ou prestadores de serviço, inseridos no sistema de produção capitalista, produzindo, fornecendo ou prestando serviços às empresas capitalistas, concorrendo ou mesmo assumindo segmentos relegados por elas.

Uma das maneiras encontradas pelo trabalhador foi a chamada "economia informal", crescente em todo o mundo, que no entanto não lhe oferece garantia permanente. Compõem a economia informal camelôs, pequenas indústrias, artesãos, prestadores de serviço que atendem os trabalhadores de ou a empresas capitalistas. Se esses empreendedores não encontram garantia permanente na economia formal, a mesma falta de garantia encontram em sua atividade.

No presente estudo, a ênfase está nas formas associativistas aliadas a estratégias de desenvolvimento alternativo. Esses modos de produção, intercâmbio e consumo não capitalistas geram dois efeitos de alto conteúdo emancipador. Em primeiro lugar, no nível individual implicam freqüentemente mudanças fundamentais nas condições de vida dos seus atores. Em segundo lugar, no nível social, a difusão de experiências bem-sucedidas implica a ampliação dos campos sociais em que operam valores e formas de organização não capitalistas.

Sua atuação se dá por meio de grupos marginalizados mediante estratégias econômicas coletivas. Sua viabilidade encontra respaldo inclusive por formular alternativas que são suficientemente utópicas para implicarem um desafio ao *status quo*, e suficientemente reais para não serem facilmente descartadas por serem inviáveis (RODRÍGUEZ apud SANTOS, 2002: 25). Em outras palavras, muitas dessas iniciativas proliferam "nas partes do mundo que o capitalismo rejeitou" e constituem um "novo modo de produção" dedicado às atividades econômicas já sem interesse para as empresas transnacionais (idem: 336).

Como se demonstrará, as comunidades podem encontrar formas de produção e/ou prestação de serviços que, em princípio, não interessam ao investidor por sua inviabilidade econômica dentro dos princípios capitalistas, mas que podem constituir um modo de sobrevivência que permita renda semelhante ou até superior à da atividade com vínculo

empregatício (quando há) e um modo de convivência comunitária, que estimula a participação e inserção política e social.

6. Associativismo

Segundo Hirst, como teoria social, o associativismo é baseado em dois postulados: por um lado, a defesa de uma economia de mercado baseada nos princípios não capitalistas de cooperação e mutualidade e, por outro, a crítica ao Estado centralizado e a preferência por formas de organização política pluralistas e federalistas que deram um papel central à sociedade civil (RODRÍGUEZ apud SANTOS, 2002: 31-3). O associativismo restaura também a comunidade baseada em *compromisso* e *compaixão*, em vez de ser imposta pela proximidade e pelo isolamento (DRUCKER, 1999: 163).

Quijano identifica as duas maiores vertentes do atual debate latino-americano em torno da questão das formas alternativas de produção:

- "economia solidária": da qual a cooperativa é a instituição central alternativa ao capital.
- "economia popular": que parece ser uma proposta especificamente latino-americana cuja característica é que as relações de trabalho e de distribuição de recursos e do produto são fundamentalmente organizadas em torno da reciprocidade e da vida social das práticas sociais quotidianas – em uma palavra, em torno da comunidade (QUIJANO apud SANTOS, 2002: 489).

As formas de associativismo são caracterizadas principalmente pela economia solidária, inventada por operários, nos primórdios do capitalismo industrial, como resposta à pobreza e ao desemprego resultantes da difusão "desregulamentada" das máquinas-ferramenta e do motor a vapor no início do século XIX. A economia solidária nega a separação entre trabalho e posse dos meios de produção, que é reconhecidamente a base do capitalismo, pois seu capital é possuído pelos que nela trabalham e apenas por eles (SINGER apud SANTOS, 2002: 83).

A empresa solidária é basicamente de trabalhadores, que apenas secundariamente são seus proprietários. Sua finalidade básica não é maximizar o lucro, mas a quantidade e a qualidade do trabalho. Singer aponta como principais empresas solidárias as cooperativas (SINGER in SANTOS, 2002: 83-4).

O que claramente diferencia essas vertentes de propostas é que, no caso das cooperativas, estão mais presentes as regras de mercado e do salário. Por isso, talvez, quando essa consciência não está presente, ou quando se depara com situações desvantajosas na materialidade das relações de trabalho e de distribuição do produto, as cooperativas desintegram-se ou transformam-se em empresas convencionais com a finalidade de se reproduzirem e crescerem (QUIJANO apud SANTOS, 2002: 491). No contexto de uma economia capitalista, essa opção se torna possível e não lhes diminui a importância pois não se trata de se opor ao capitalismo, mas de oferecer-lhe alternativas de inclusão e geração de trabalho e renda. Mesmo porque, por surpreendente que seja, a grande maioria das tentativas de transformar firmas meio ou inteiramente falidas em empresas solidárias tem sido sucesso (SINGER in SANTOS, 2002: 91).

7. Cooperativismo

Como prática econômica, o cooperativismo inspira-se nos valores de autonomia, democracia participativa, igualdade, equidade e solidariedade. Esses valores estão plasmados por princípios não capitalistas de organização empresarial em que os trabalhadores são proprietários da empresa e participam diretamente e em condições de igualdade nas decisões fundamentais da mesma, independentemente do montante da sua participação no capital, visando a superar a divisão entre capital e trabalho (RODRÍGUEZ apud SANTOS, 2002: 335).

As primeiras cooperativas surgiram na Europa no início do século XIX, em oposição ao capitalismo industrial e suas conseqüências para os trabalhadores, como tentativa de recuperação do trabalho e da autonomia econômica. Seu capital é dividido igualmente entre os sócios, de forma que a cada sócio corresponde um voto nas decisões, ao contrário da empresa capitalista onde o poder é proporcional ao montante de cada cotista. Sua administração é delegada a cooperados eleitos pela assembléia geral, que define ainda seus objetivos, metas, distribuição de proveitos e tudo o mais que se refira à organização

Birchall identifica sete princípios que têm guiado o funcionamento das cooperativas de todo o mundo:

1. **vínculo aberto e voluntário** – a associação é livre e está sempre aberta à participação de novos sócios;

2. **controle democrático por parte dos membros** – as decisões fundamentais são tomadas pelos cooperados de acordo com o princípio “um membro, um voto”, ou seja independentemente das contribuições de capital feitas por cada membro ou a sua função na cooperativa;
3. **participação econômica dos membros** – todos os cooperados participam na composição do capital do empreendimento e seus resultados;
4. **autonomia e a independência** – em relação ao Estado e a outras organizações. Neste particular, há que se considerar a independência como relativa, pois diversos estudos apontam como fundamental para viabilizar as cooperativas populares o fomento do Estado e/ou de Organizações Não Governamentais;
5. **compromisso com a educação dos membros da cooperativa** – para lhes facultar uma participação efetiva;
6. **a cooperação entre cooperativas** através de organizações locais, nacionais e mundiais;
7. **a contribuição para o desenvolvimento da comunidade** em que está localizada a cooperativa (RODRÍGUEZ apud SANTOS, 2002: 33-4).

Singer identifica quatro tipos de cooperativas:

1. **de produção**; é a modalidade básica;
2. **de comercialização**; composta por produtores autônomos, individuais ou familiares que fazem suas compras ou vendas em comum. Nesta modalidade, sendo a produção individual, o resultado é distribuído na proporção do montante comprado ou vendido por cada um através da cooperativa;
3. **de consumo**; destinada à aquisição de bens ou serviços em condições mais favoráveis que individualmente;
4. **de crédito**; destinadas à intermediação financeira, aplicam seu capital em empréstimos aos cooperados (SINGER apud SANTOS, 2002:84).

Não tendo o lucro como meta, as cooperativas precisam se precaver contra certos riscos, gerando algum excedente. Esse excedente, denominado sobra, tem sua destinação decidida pela assembléia geral, podendo ser reinvestido, acrescentado ao valor das cotas dos sócios ou dividido entre eles.

As cooperativas de trabalhadores tendem a ser mais produtivas que as empresas capitalistas porque os seus trabalhadores, sendo eles próprios os proprietários, têm mais incentivo econômico e moral para dedicar o seu tempo e esforço ao trabalho. Além disso, o custo de supervisão, necessário nas empresas capitalistas para assegurar a produtividade, é bastante reduzido.

Sendo em sua maioria pequenos empreendimentos, dispõem de flexibilidade para adaptar-se aos desafios do mercado, apresentando-se como alternativa às políticas de emprego convencionais, especialmente quando se vislumbra a diminuição de postos de trabalho, resultado da eficiência das empresas. Embora sejam organizadas de acordo com princípios e estruturas não capitalistas, têm todas as condições de operar em uma economia de mercado, tanto como fornecedora de bens e serviços como geradora de consumidores entre os excluídos do mercado, não só atuando em áreas desprezadas pelas demais empresas por seu pequeno potencial econômico como preenchendo os espaços abertos pela terceirização por parte das empresas capitalistas.

Por seu efeito no crescimento econômico e na diminuição dos níveis de desigualdade social, as cooperativas de produtores constituem importante campo para implementação de políticas de geração de trabalho e renda por parte do Estado. A implementação de projetos dessa natureza se torna tão mais relevante quando se constata uma resistência da classe média em sustentar políticas sociais, que apenas atenuam a miséria sem combatê-la efetivamente, com seus impostos.

A sobrevivência das cooperativas nessas condições depende de sua interação com a comunidade em que se localizam e sua articulação com outras organizações e com o Estado apresenta-se como uma estratégia essencial para sua inserção no mercado e no processo político.

Se as alianças com empresas capitalistas são necessárias em um ambiente econômico caracterizado pelas fusões entre empresas com a finalidade de enfrentar a concorrência

global, quando se trata de cooperativas menos estabelecidas, torna-se necessário estipular condições dessas alianças, a fim de compensar a sua fragilidade.

Além dessas vantagens, as cooperativas de trabalhadores ampliam a democracia participativa. Como se comprovou nas entrevistas com os cooperados da 100 Dimensão, os cursos promovidos pelas cooperativas, a consciência da importância do trabalho individual para o sucesso da coletividade, o direito de influir nos destinos da entidade por meio da participação nas assembleias, o sentimento de pertencer a uma comunidade, restauram o princípio de cidadania, sem a qual a política se esvazia fragilizando o Estado.

O relacionamento entre cooperados resgata ainda a família que, segundo Drucker, está se tornando importante para a maioria das pessoas, não como uma necessidade, mas como uma ligação voluntária, de afeto e respeito mútuo (DRUCKER, 1999: 163).

8. Redução da pobreza e dinâmicas locais

Os livros *Produzir para viver*, os caminhos da produção não capitalista, organizado por Boaventura de Sousa Santos e *Redução da pobreza e dinâmicas locais*, organizado por Ilka Camarotti e Peter Spink, apresentam diversos projetos implementados ou apoiados tanto pelo Estado quanto por empresas e Organizações Não Governamentais que têm cumprido importante função na diminuição de desigualdades, gerando trabalho e renda ou reduzindo os efeitos nocivos provocados pela exclusão. Como maior benefício, essas iniciativas vêm promovendo o resgate da cidadania e a inclusão social. Suas ações visam, de maneira geral, a estimular o trabalho solidário, a formação de cooperativas e parcerias dessas cooperativas entre si ou com empresas capitalistas.

As parcerias formadas demonstram a possibilidade de convivência harmoniosa das formas alternativas de produção com o sistema capitalista. Singer apresenta exemplos de empresas capitalistas à beira da falência que, administradas por seus ex-empregados a partir de cooperativas que assumiram a sua direção, garantiram sua permanência no mercado e, conseqüentemente o emprego, por mais alguns anos ou definitivamente³. Segundo ele, a grande maioria das tentativas de transformar firmas meio ou inteiramente falidas em empresas solidárias tem tido sucesso (SINGER apud SANTOS, 2002: 91). As empresas formadas por trabalhadores com essa finalidade levaram à criação da ANTEAG – Associação

Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão e Participação Acionária, em cujos objetivos incluía o assessoramento de novas empresas solidárias (idem, 89).

Embora haja casos de inviabilização de cooperativas de trabalhadores motivada pelo *lobby* de capitalistas interessados em explorar os serviços desenvolvidos por esses empreendimentos⁴, como em algumas cooperativas de catadores de lixo ou de artesãos, a renda auferida pelos empreendimentos populares não é suficiente para estimular um investidor mas supre as necessidades dos trabalhadores, até então excluídos do mercado de trabalho.

Em outros casos têm a função de reduzir a exploração do trabalhador por parte de empresários inescrupulosos, como o Projeto Castanha⁵, ou de regular preços de produtos para a população carente, como nos programas de abastecimento da Prefeitura de Belo Horizonte⁶.

Em algumas situações, o componente ideológico se sobrepõe aos objetivos, gerando a exploração política dos destinatários dos programas por parte das lideranças populares. É o caso noticiado por Navarro em relação ao MST (NAVARRO apud SANTOS, 2002: 189-227 e 261-279).

Na maioria dos casos, no entanto, o resgate da dignidade, do respeito próprio e da cidadania já justifica todo o esforço investido na economia solidária (SINGER apud SANTOS, 2002: 127)

9. A 100 Dimensão⁷

A 100 Dimensão - Cooperativa de Coleta Seletiva e Reciclagem de Resíduos Sólidos com Formação em Educação Ambiental iniciou suas atividades em 1998 por um grupo de vizinhos desempregados das cidades Riacho Fundo II e Recanto das Emas, no Distrito Federal.

³ Ver A crescente ressurreição da economia solidária no Brasil (SINGER apud SANTOS, 2002: 81-129).

⁴ Ver À procura de alternativas econômicas em tempos de globalização: o caso das cooperativas de recicladores de lixo na Colômbia (RODRÍGUEZ apud SANTOS, 2002: 329-61)

⁵ Ver Projeto Castanha: desenvolvimento sustentável com geração de renda para os castanheiros do sul do estado do Amapá (ALESSIO apud CAMAROTTI e SPINK, 2002: 85-102).

⁶ Ver Política municipal de abastecimento e segurança alimentar (TEIXEIRA apud CAMAROTTI e SPINK, 2002: 161-206).

⁷ Os dados desta parte foram extraídos de documentos da Cooperativa e entrevista com sua Presidente, Sônia Maria da Silva.

Liderados por uma dona-de-casa que 15 anos antes largara o emprego para cuidar de um filho com síndrome de Down, e sem perspectivas de emprego, 27 pessoas decidiram iniciar um empreendimento que lhes proporcionasse renda própria sem depender de assistencialismo. Hoje, seus cooperados são parte das 7 mil pessoas que vivem do lixo no Distrito Federal.

Com apoio do SEBRAE, através do Programa de Desenvolvimento de Emprego e Renda – PRODER Especial, os cooperados obtiveram treinamento para reciclagem e busca de parceiros para o trabalho. Neste particular, destaca-se o papel desta entidade e deste programa, sem os quais os trabalhadores ainda estariam lutando para dar consistência ao empreendimento. A convivência com as lideranças da Cooperativa faz crer que mesmo sem o PRODER a iniciativa seria levada a efeito. No entanto, e como já mencionado anteriormente, as dificuldades de implantação e a demora nos resultados poderiam causar sérios transtornos, senão uma vida efêmera à Cooperativa.

O trabalho da Cooperativa constitui-se principalmente na coleta, seleção e venda de resíduos sólidos, cuja estimativa é que o lixo de um grupo de 350 casas pode sustentar uma família. Parte dos cooperados tem por função a coleta em locais pré-determinados. Nessas áreas, em parceria com as prefeituras e autoridades, é feito um trabalho de conscientização quanto à necessidade de separar o lixo inorgânico (seco) do orgânico (molhado). Para tanto, vão de casa em casa orientando os moradores sobre como distinguir um do outro e como fazer a separação e o acondicionamento em embalagens diferentes. O lixo seco, reciclável, é recolhido pela Cooperativa, o molhado, não reciclável, pelo Serviço de Limpeza Urbana.

Como o lixo das comunidades em que vivem é muito “pobre” a 100 Dimensão firmou parceria com o Conselho Comunitário das Prefeituras da Asa Norte, de Brasília para coleta do lixo de algumas quadras residenciais. Posteriormente, foi autorizado o recolhimento do lixo da Presidência da República, Supremo Tribunal Federal, SEBRAE Nacional e vários condomínios residenciais.

Esse material é levado para um galpão de madeira de 1.000m², que era um depósito de materiais de construção, onde é separado. A maior parte é prensada e vendida a empresas especializadas ou a indústrias. Outra parte é utilizada na produção de peças de artesanato. Estima-se que cerca de 80% de todo o ferro recolhido e 30% do papel são utilizados nas oficinas de artesanato, além de sobras de madeira.

A fim de viabilizar a coleta do material e transportá-lo para o galpão onde é selecionado, foi firmada parceria com a Cooperativa dos Caminhoneiros do Distrito Federal – COOPERCAM, que cedeu dois caminhões por um período de três meses, no ano de 2000.

O Banco Regional de Brasília, doou R\$16.000,00 para a aquisição de uma esteira para a seleção e uma prensa, utilizada na compactação dos resíduos.

Além da coleta seletiva os cooperados são capacitados para transformar parte do lixo em objetos de arte e artesanato. Os diversos grupos de trabalho produzem almofadas, colchas de retalhos, brinquedos, porta guarda-chuvas, estatuetas em ferro, luminárias, porta-revistas e outros. O artigos produzidos pela Cooperativa são vendidos em exposições periódicas e/ou esporádicas, já tendo sido expostos na Feira de Utilidades Domésticas (UD), tradicional evento promovido há mais de 50 anos na cidade de São Paulo e que recebe cerca de 500 mil pessoas todos os anos.

No galpão onde é realizado o trabalho, a área destinada à administração da cooperativa serve ainda a diversas atividades. Um local é destinado para as tarefas escolares dos filhos e demais crianças e adolescentes da comunidade, cursos de artesanato, informática e reuniões. Os cursos de informática são parte de um projeto do Rotary Club de Brasília Norte, em computadores doados por essa entidade. A maioria dos de artesanato são ministrados por artesãos da comunidade.

Além do trabalho e dos cursos oferecidos, toda segunda-feira é feita terapia comunitária com psicólogas e assistentes sociais. Estas são voluntárias e desenvolvem seu trabalho gratuitamente.

Há projeção de crescimento da cooperativa para o atendimento a 400 trabalhadores, após a cessão, por parte do Governo Federal, de um terreno de 4.000m² para viabilizar essa nova etapa, cuja inauguração se deu em 8 de maio de 2003. Para viabilizar o empreendimento, a entidade recebeu ajuda da Embaixada Britânica, que doou R\$69.000,00 para a construção da sede, que inclui sala de cursos, auditório, refeitório além de local adequado à administração, e do SINDUSCON, que construiu dois galpões de madeira ao custo de R\$30.000,00.

Por meio do projeto Empreendendo Arte na Comunidade, e com o objetivo de aliar as manifestações artísticas à importância ambiental, foi criado grupo de teatro Anjos das

Sobras. Formado por crianças e adolescentes da comunidade, apresenta-se geralmente em escolas públicas. Os ingressos são bonecos de biscoito produzidos por um grupo de pessoas portadoras de deficiência, vendidos a três reais cada. A renda obtida é rateada entre o grupo de teatro e o dos deficientes.

O faturamento bruto da cooperativa é de cerca de R\$ 40.000,00 por mês. As despesas ficam por conta do aluguel do caminhão que faz o transporte do lixo, alimentação dos cooperados e impostos. A receita líquida é dividida entre os 130 cooperados [março de 2003] de acordo com o trabalho desenvolvido por cada um, representando uma renda mensal de aproximadamente dois salários mínimos para os artesãos e 1 ½ salário mínimo para os catadores.

No final do ano de 2001, foi firmado um protocolo de intenções, com prazo de três anos prorrogáveis, objetivando o comprometimento das diversas entidades envolvidas para a realização de: coleta seletiva de resíduos sólidos com educação ambiental, sensibilização das comunidades envolvidas, capacitação das pessoas envolvidas no projeto e reciclagem para geração de renda e melhoria na qualidade de vida das comunidades atendidas pelo projeto.

Por esse protocolo, o Comitê SOS Cidadania se compromete a prestar apoio financeiro visando a compra de equipamentos e matéria-prima para o início das atividades e apoio social à cooperativa para o alcance da auto-sustentabilidade; o Conselho Comunitário da Asa Norte e as Administrações Regionais de Brasília, do Riacho Fundo e do Recanto das Emas, à sensibilização da comunidade para o descarte seletivo e local para depositar resíduos até a coleta por parte da cooperativa; a Organização das Cooperativas do Distrito Federal – OCDF, à informação, orientação, formação e capacitação visando a enaltecer o espírito cooperativista; o SESCOOP, Serviço Social do Cooperativismo, à análise e monitoramento das ações que envolvam o cooperativismo, objetivando educação e motivação da Cooperativa 100 Dimensão. A Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos compromete-se a apoiar a 100 Dimensão no desenvolvimento de tecnologia específica e no manuseio dos resíduos sólidos. Por parte da Secretaria de Infra-estrutura e Obras, o apoio e interlocução aos órgãos vinculados (NOVACAP, CEB, BELACAP dentre outros), objetivando viabilizar a implantação da coleta seletiva e sua otimização nas áreas atendidas pelo projeto. A BELACAP se compromete a prestar apoio técnico e operacional à coleta seletiva do lixo orgânico, triagem, classificação e separação dos resíduos sólidos. A COOPERCAM viabilizou o transporte do lixo seco dos pontos de recolhimento aos pontos de separação por três meses, durante o ano de

2000. O Banco Regional de Brasília, já cumpriu sua parte, viabilizando recursos para a aquisição da esteira e da prensa utilizados no manuseio e seleção dos resíduos sólidos pela Cooperativa. Por fim, à Cooperativa 100 Dimensão cabe as tarefas de coleta, reciclagem, educação ambiental da comunidade e dos cooperados, ressocialização dos catadores e atividades afins para a concretização dos objetos ambientais e de melhoria da qualidade de vida das comunidades envolvidas⁸.

Faz parte do sonho da Cooperativa, ainda, agregar valor aos seus produtos, estando em fase de estudos projeto de aquisição de equipamentos para lavagem, trituração e transformação dos resíduos plásticos em granulados, passando o preço por quilo de R\$0,35 para R\$1,60. Ter loja num *shopping* para vender o artesanato produzido com reciclados. Criar um fundo/habitação para criação e construção de casas ecologicamente corretas, em parceria com a Secretaria do Patrimônio da União. Para seus membros, estão em negociações seguro de vida e plano de saúde.

10. Testemunhos

Para ilustrar o presente trabalho, foram entrevistadas 15 pessoas, das quais três participam da Administração, quatro lideram grupos de artesanato, oferecendo treinamento aos demais cooperados, e oito são operacionais, ou seja, trabalham na coleta ou seleção dos resíduos.

Os discursos dos entrevistados destacam sempre o resgate da esperança, da auto-estima, o desenvolvimento da harmonia familiar e comunitária que não havia antes daquela atividade. Quase todos os entrevistados afirmam terem se tornado melhores e mais tolerantes em relação a si mesmos, suas famílias e vizinhos, segundo Carmem, artista plástica que lidera um grupo de artesanato, porque "a força da pessoa que está à frente (a Presidente Sônia) é muito positiva, está sempre incentivando, buscando, procurando, e isso ajuda a estimular muito as pessoas a ter uma relação familiar".

Se a Cooperativa oferece oportunidade de trabalho e renda para seus membros, permite também experiências pouco comuns em ambientes de trabalho. Ser cooperado implica participar de cursos, treinamentos e dinâmicas, o que provoca verdadeira revolução em cada indivíduo. Conversar com seus membros é uma experiência incomum. A atividade associativa comunitária proporciona uma expectativa diferente do emprego formal, grande parte das vezes sem nenhuma garantia de

⁸ Protocolo de Intenções firmado entre as entidades mencionadas.

permanência. Raimunda, cujo marido também é cooperado, explica o porquê: “me sinto bem porque aqui é meu. Ninguém fala o contrário, que não é. É uma coisa que eu tenho confiança que é minha, que eu tenho que cuidar, tenho que zelar”.

Os membros da Cooperativa, sócios do empreendimento, têm como missão a missão da entidade e como visão de futuro, os objetivos da 100 Dimensão. Assim, permitem-se sonhar com dias melhores. Como afirma Raimunda, “aprendi muita coisa, aprendi ser responsável, aprendi a sonhar também porque agora eu tenho um sonho grandão”. O mesmo pensamento é o de Tereza Cristina, Vice-Presidente, que afirma ver “lá na frente a gente bem grande, com mais gente. Não é agora, mas lá na frente”. Zelita, resume esse sentimento de esperança com a seguinte frase: “hoje eu penso, mas eu sei que tudo vai dar certo”.

A maioria dos cooperados se utiliza sempre da primeira pessoa do plural porque, ao entrar na Cooperativa, é necessário participar de cursos de cooperativismo, empreendedorismo, dentre outros, que estimulam a consciência do coletivo. Todos afirmam ter melhorado a qualidade de vida sua e de sua família por meio da renda e das atividades praticadas na Cooperativa. Grande parte deles demonstrou o anseio de trabalhar em harmonia com a natureza e de forma a disseminar a consciência ecológica na comunidade em que vivem.

Sob o ponto de vista da oportunidade de trabalho, Benedita, afirma que quando teve oportunidade de ir para lá foi “um momento especial”. É agente de saúde mas está fora do mercado de trabalho, “porque quando você tem 40 anos você não presta mais para o mercado de trabalho, é sempre discriminado”. Para Marli, que ministra cursos de artesanato, a cooperativa abriu portas para repassar seus conhecimentos “porque minhas pesquisas ficavam lá em casa, engavetadas, não tinha como repassar, gerando renda para mim”.

Solange, cooperada que ministra cursos de biscuit, reconhece que o trabalho na Cooperativa não trouxe mudança econômica, mas na auto-estima. Para ela, “não há uma grande saída que a gente espera, mas o pouco que está saindo é que está incentivando a gente continuar”. A mesma opinião é compartilhada por Francisco Edson, o Peninha. Segundo Raimunda, sua filha de dezesseis anos não sente vergonha do trabalho da mãe, “porque é muito difícil para uma pessoa de 16 anos assumir uma situação dessa, é uma coisa que eu me orgulho e me orgulho mais que meus filhos se orgulham também”.

Andréia, uma das administradoras da Cooperativa, chega a afirmar que pela criação que teve nunca estaria ali. Mas, a despeito do que se poderia imaginar dessas pessoas, a convivência

no grupo supera até o fato de trabalharem com artigo tão mal-visto pela sociedade. Conforme observa Carmem, ninguém ali se sente diminuído por estar trabalhando em seleção de lixo.

Profunda melhoria no relacionamento familiar é uma das mudanças mais citadas pelos entrevistados. Solange diz que “em casa, enquanto estou trabalhando com o artesanato, meu marido está cozinhando, as meninas estão arrumando serviço. A relação com a família melhorou muito”. Zelita reconhece que hoje sabe compreender seu marido e tem mais paciência com seus meninos. Raimunda afirma que a relação com os filhos melhorou muito. Seu marido, Paulo, confessa que antes de entrar na cooperativa era muito duro, não via muito esse lado de união. “Eu era eu, e era eu e pronto. Queria saber de mim, não queria saber dos outros. Meu lado bom então nessa parte familiar ajudou muito porque estou mais fraternal, conheci o lado de pai, porque eu não tive filhos, as crianças não conviveram comigo, aprendi a ter esse lado paternal, nessa união”.

Outro ponto importante é o relacionamento interpessoal, cujo desenvolvimento se dá por meio da convivência com o grupo. Andréia enfatiza que ali as pessoas aprendem a ouvir o outro. Para Benedita, cada dia é um aprendizado com as pessoas porque, segundo Carmem, esse projeto “tem uma dimensionalidade muito interessante porque as pessoas que são agregadas nele, se dedicaram de corpo e alma, procura-se ter um ambiente mais agradável, serem solidários uns com os outros, tanto os mais privilegiados como os menos privilegiados culturalmente, porque nesses lugares tem variações, então a dinâmica tem que ser diferenciada”.

Peninha tem uma visão muito interessante, para ele, no seu jeito de ser quase não houve mudança, “mas melhorou o relacionamento com as pessoas daqui, no nosso aprendizado nós melhoramos, não só eu como todo o grupo”. Osmar diz que mudou muito o seu jeito de conviver com as pessoas “porque a gente aprende com os outros também, com pessoas humildes. Anda uns juntos com os outros, ai vem aquela amizade que você vai construindo”. Foi o que aconteceu com Maria. Há quatro meses na Cooperativa, antes era uma pessoa muito isolada, “não gostava nem de dar bom dia a ninguém. Não gostava de brincar com ninguém, se alguém brincasse comigo eu não gostava. Aqui a gente aprende a lutar com as pessoas, e brinca”.

O aspecto humano das pessoas envolvidas no projeto tem profunda melhoria. É o que afirma Andréia, para quem “aqui a gente trabalha com o resto dos outros. Trabalhando o meio ambiente cuidando da saúde do meio ambiente você tira o seu lixo humano. Pára de dar importância

àquelas coisinhas pequenas. Passa por fases difíceis, mas sabe que tem solução. Você batalha por aquilo que quer. Não vê dificuldade nas coisas. Aprende a administrar os pequenos e os grandes problemas que tem na sua vida e se torna um ser humano melhor.” No mesmo sentido, a opinião de Márcia Caribé, para quem “isso aqui é um hospital. Além da limpeza que faz do meio ambiente, aqui limpa-se alma”.

Marina destaca que, depois que passou a trabalhar na 100 Dimensão, percebeu que daquele lixo poderiam sair transformações maravilhosas no ser humano porque “a gente conhece pessoas de várias origens, de vários pensamentos diferentes do meu, com isso eu pude crescer, não só como material, mas como ser humano também”. Carmem entende que “é até bom a pessoa sair de casa e ter aquela obrigatoriedade de ir para um lugar fazer seu trabalho e voltar para casa, isso é muito importante porque amplia o seu universo”.

Segundo Zelita, sua vida mudou muito porque “a gente fica dentro de casa fica muito nervosa. Qualquer coisa que ele (o marido) falava, a gente começava a brigar. Eu não tinha paciência. Parece que eu vivia com a cabeça estressada. Hoje não, hoje eu sou mais calma”. É também a opinião de Maria Raimunda, para quem “a cooperativa mudou até minha cabeça. Aqui a gente continua a ter problemas, mas a gente vê a solução. Isso aqui para mim é uma família”. Paulo também afirma ter ficado mais calmo e Osmar diz que “se você é grosso você perde um pouco a grosseria”.

Os cursos e dinâmicas a que os cooperados participam transformam suas vidas ainda quanto ao coletivo, à vida em comunidade. Marina, quando começou a trabalhar na entidade e conheceu a convivência daquelas pessoas, passou a falar maravilhas sobre trabalho comunitário. Segundo ela, “é o trabalho comunitário, é a cooperativa; o que me realiza é isso aqui”. Para Peninha, “a gente usa muito o nós. Não existe aqui o eu, é o nós, o grupo, o Grupo 100 Dimensão”. Osmar leva isso a sério. “Quando não estou na minha ocupação eu vou ajudar as pessoas”. E, para Tereza Cristina, “hoje a gente está diretamente ligada com o ser humano, com a comunidade”.

Paulo exprime sua satisfação em ter descoberto uma coisa muito importante, a união. Para ele, “nesse período que eu estou aqui, com a união eu aprendi a ser mais humano, porque eu acho que era uma coisa que eu não era muito não”. Ele pretende estudar e se aprofundar muito mais em sua profissão “e depois que eu aprofundar mais eu vou passar o que aprendi para aqueles cooperados que vão entrar para desenvolverem o mesmo trabalho. Esse pensamento é uma evolução da minha convivência aqui”.

O resgate da cidadania se expressa em vários trechos significativos das entrevistas. Para Osmar "o que você tem você aprende a não descontar nas pessoas, você aprende a falar, a se abrir". Paulo aprendeu a ficar "mais consistente com as coisas. Quando chego a falar alguma coisa eu vou falando na minha consciência daquilo que eu aprendi, daquilo que as pessoas passaram para mim". Segundo Raimunda, "houve muita mudança na minha vida, antes eu não sabia nada, nem reclamar. Não sabia elogiar também não sabia reclamar. Hoje eu sei elogiar, hoje eu aprendi reclamar. Aqui na cooperativa foi onde eu aprendi a reclamar. Fui aprendendo aos poucos a ouvir porque reclamar todo mundo reclama, mas ouvir é difícil. Aqui estou aprendendo aos poucos a ouvir. Aqui também se eu acho que uma coisa está errada eu converso. Ninguém me impede de falar o que eu acho, o que eu sinto".

Eles também tomam consciência da necessidade de preservar o meio ambiente, como exemplifica esse trecho da entrevista com Benedita: "Eu caminho muito olhando para a natureza e vejo o quanto que o ser humano desvirtuou a natureza, o quanto que nós estamos matando o planeta. Aqui é nossa casa. É uma casa temporária, mas nós temos que cuidar dessa casa com todo carinho. Eu tenho uma preocupação muito grande quando vejo as pessoas jogando lixo por tudo quanto é lado. A gente sabe que hoje, o resultado das grandes enchentes é resultado disso. E eu sempre tive essa preocupação com o meio ambiente e vim para cá para fazer diferença, para ajudar nesse processo, para conscientizar as pessoas".

Todo esse aprendizado, essa mudança de atitude, se exterioriza no ambiente da Cooperativa 100 Dimensão e no semblante de seus membros, como manifesta Marina. Segundo ela, as pessoas passam "a aceitar e hoje, eles (seus parentes) não aceitam que eu saia porque estão vendo o reflexo. As pessoas sentem porque você transmite isso dentro da sua própria casa, na sua família, até tem um semblante mais alegre".

11. Conclusão

Como ficou demonstrado nos textos estudados e na pesquisa de campo, as formas de organização econômica e de sociabilidade não capitalistas, empreendidas no seio do sistema capitalista por meio de associações de profissionais e ou comunitárias, especialmente se implementadas através de projetos de desenvolvimento local, constituem-se na alternativa mais plausível de inclusão social e econômica, merecendo investimentos maciços tanto dos governos como das organizações não governamentais.

O apoio dessas entidades, tanto no aspecto financeiro quanto estratégico, é fundamental para o sucesso dos projetos a serem implantados e resulta em oportunidades auto-sustentáveis de geração de trabalho e renda.

O retorno alcançado com o implemento de projetos dessa natureza, no entanto, não deve ser medido apenas em termos econômicos, pois, em grande parte, o sucesso se deve ao resgate da cidadania, da solidariedade, da integração social, da consciência ecológica e, principalmente, ao resgate da esperança daqueles que há muito perderam a noção desses atributos essenciais ao ser humano.

12. Referências

CAMAROTTI, Ilka e SPINK, Peter. Org. **Redução da pobreza e dinâmicas locais**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. Trad. Álvaro Cabral. 9 ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

DRUCKER, Peter F. **Sociedade pós-capitalista**; Trad. Nivaldo Montigelli Jr. São Paulo: Pioneira; São Paulo: Publifolha, 1999.

KOTLER, Philip. **Pensar globalmente, atuar localmente**. Entrevista à revista HSM Management ano 1, n.º 2. maio/junho 1997.

SANTOS, Boaventura Souza, org. **Produzir para viver**. os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

TAYLOR, Frederick Winslow. **Princípios de administração científica**. Trad. Arlindo Vieira Ramos – São Paulo: Atlas, 1986.

THURLOW, Lester C. **O futuro do capitalismo** – como as forças econômicas de hoje moldam o mundo de amanhã; trad. Nivaldo Montigelli Jr. – Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

Engenharia reversa. In UniCAM, disponível em <http://www.unicam.com.br/Eng-Reversa.html> acessado em 4/3/2002.